

OS ANOS INICIAIS DA MASSIFICAÇÃO DA MIGRAÇÃO CONGOLESA PARA A BÉLGICA: A NARRATIVA DO JORNAL *LE SOIR*

Felipe Antonio Honorato*

José Renato de Campos Araújo**

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma interpretação da narrativa construída pelo jornal *Le Soir* sobre a comunidade congoleza em Bruxelas durante o lapso temporal compreendido entre 1989 e 2000. Para isso, foi feita uma análise de reportagens do periódico belga que falem sobre o cotidiano no Matongé, reduto da comunidade congoleza em Bruxelas.

Palavras-chave: Diáspora congoleza; Imigração; Bélgica; República Democrática do Congo; República do Zaire.

Abstract: This article aims to make an interpretation of the narrative constructed by the Belgian newspaper *Le Soir* on the Congolese community in Brussels during the time span comprehended

* Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). E-mail: felipeahonorato@protonmail.com.

** Em memória do professor José Renato de Campos Araújo. Era doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICMP) e professor-doutor na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Ele nos deixou prematuramente em janeiro de 2019. Todos nós sentiremos sua falta, Zé Renato.

between 1989 and 2000. For this, an analysis of the reports that talks about the daily life in Matongé, a stronghold of the Congolese community in Brussels, was made.

Key-words: Congolese diaspora; imigration; Belgium; Democratic Republic of the Congo; Republic of Zaire.

Introdução

Na maioria das ex-potências coloniais, na década de 1990, a emigração proveniente das antigas colônias já era uma tradição de longa data, e sua massificação estava claramente ligada à necessidade de mão de obra. Na contramão desta tendência, temos o fenômeno da imigração congoleza para a Bélgica. Segundo artigo de Jamina Mertens, Wouter Goedertier, Idesbald Goddeeris e Dominique de Brabanter (2013):

As a matter of fact, one can hardly speak of a Congolese migration during those first decades after Congolese independence. Arrivals were highly individualized, and migration currents or waves were absent (KAGNE, 2008). Congolese were not hired to compensate the lack of labor forces in Belgium, and the events of 1960 were not followed by an extensive immigration of black Congolese to the metropole [...](MERTENS et al., 2013).

Isso fez com que as discussões sobre a presença congoleza na Bélgica, também chamadas de “questão congoleza”, tardassem a iniciar, tanto no âmbito da opinião pública, quanto no âmbito dos legisladores, *policy makers* e da academia belga - como destaca Demart (2013): “*the Congolese settlement during the late 1980s was last to be taken into consideration by public policies and scholars*”.

A própria Demart (2013) afirma que há uma oposição entre o vasto conteúdo produzido sobre o Congo, uma tradição com raízes profundas no período colonial – apesar de a autora destacar que este ramo da produção do conhecimento sofreu uma renovação durante a década de 1990, na qual se poderia destacar *O fantasma do rei Leopoldo*, livro de Adam Hochschild, como um dos grandes exemplos - e que tinha como objetivo criar uma representação ou “inventar” o outro, e o “ponto cego” que ainda hoje representam os estudos sobre a diáspora congoleza na Bélgica, um estudo de vozes silenciadas.

Este artigo tem, então, como objetivo secundário, produzir conteúdo de relevância que contribua para reduzir o obscurantismo que ainda representa a presença permanente de congolezes nativos na Bélgica. O objetivo primário é realizar uma interpretação da narrativa construída pelo jornal *Le Soir* sobre a comunidade congoleza em Bruxelas durante o lapso temporal compreendido entre 1989 e 2000.

O texto aqui presente é fruto da análise de 26 artigos, retirados de uma lista inicial de 962 deles que se tem como resposta quando a palavra-chave escolhida – Matongé - é digitada no campo de busca do site do jornal *Le Soir*.

Os 26 artigos citados foram escolhidos respeitando os seguintes critérios: terem sido publicados no jornal entre 1989 e 2000, período temporal que representa a primeira década de massificação dos fluxos migratórios entre o então Zaire e a Bélgica, e seu conteúdo versar sobre o cotidiano da comunidade congoleza no Matongé, bairro que, por questões históricas que serão explicitadas adiante, já, há décadas, foi

eleito como reduto da comunidade congoleza na capital belga. Esta informação justifica, também, o motivo pelo qual Matongé foi escolhido como a palavra-chave que norteou a pesquisa dos artigos jornalísticos dentro dos arquivos on-line do jornal belga.

Usar os arquivos on-line do jornal *Le Soir* se justifica pelas seguintes razões: além de este periódico ser o mais antigo publicado de forma ininterrupta no país europeu, ele também é o único que dispõem de um repositório acessível em rede que abarque o período proposto para análise por este artigo – de 1989 a 2000.

A República do Zaire no fim da década de 1980: uma breve contextualização histórica

Após um processo de independência política rápido, sacramentado em 1960, o antigo Congo Belga entrou em uma profunda crise, que resultou, entre outras coisas, no assassinato de Patrice Lumumba, um dos líderes dentro do processo independentista e eleito primeiro primeiro-ministro do país, e a emergência, em 1965, do militar Mobutu Sese Seko ao poder. Mobutu, que assumiu graças a um golpe de Estado, instaurou, então, uma ditadura que duraria 32 anos (até 1997). Neste período, ele mudou o nome do país para República do Zaire e aplicou um governo que Peter Evans (1993) denominou de “Estado predatório” - uma ditadura alinhada aos interesses das potências ocidentais que multiplicou seu patrimônio pessoal:

Desde que Joseph Mobutu Sese Seko assumiu o governo do Zaire em 1965, ele e seu círculo íntimo no interior do aparelho de Estado zairiano têm extraído enormes fortunas pessoais das receitas geradas pela exportação da impressionante riqueza mineral do país. Durante estes vinte anos, o PNB per capita do Zaire declinou a uma taxa anual de 2,1 % ao ano, levando o país pouco a pouco para o último lugar na hierarquia mundial das nações e deixando a população do país numa miséria igual ou pior do que a sofrida durante o regime colonial belga. O Zaire é, em suma, um exemplo de manual de um "Estado predatório" no qual a preocupação da classe política com a busca de renda converteu a sociedade em sua presa (EVANS, 1993).

No final de 1988, o jornal *Le Soir*, em uma reportagem, denunciou um cenário de caos no Zaire de Mobutu: Colette Braeckman, enviada especial, cobriu a estada de especialistas do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Kinshasa; o mandatário do Zaire, desde o início daquele ano, havia rompido com a instituição internacional, deixando de pagar seus débitos, sendo excluído dos programas da instituição; os técnicos do FMI estavam ali para propor medidas de austeridade ao Zaire, para que, depois, novos créditos fossem contraídos pelo país africano. Braeckman descreve o Zaire como um país em ruínas, ou, ao menos, um país onde o Estado está em ruínas. Os salários eram simbólicos, por causa do baixo valor da moeda, e mesmo os professores universitários tinham de se desdobrar em vários empregos para poder viver:

Mon salaire? s'exclame un fonctionnaire. Il est plus que symbolique: que peut-on faire avec 4.000 zaïres? (Moins de 1.000 FB.) Heureusement que ma femme tient un commerce, un petit nganda («café»), où les voisins viennent boire leur bière, se rencontrer. Parfois elle se rend sur la rive d'en face, à Brazzaville, et, là aussi, elle fait du commerce.» Un

professeur d'université ajoute: «Moi non plus, mon salaire ne me fait pas vivre, même s'il a été augmenté récemment. Mais, à côté, je suis conseiller dans une société privée. Ici, on ne tient que si on a plusieurs métiers. (BRAECKMAN, 1988)

A reportagem fala, descrevendo a situação de Kinshasa, em apagões constantes, vias que, ante a menor chuva, se tornam lamacentas, em táxis e ônibus cada vez mais raros e caros, tornando atividades rotineiras, como ir à escola ou chegar ao trabalho, muito mais difíceis e, várias vezes, apenas possíveis com a ajuda da rede de relacionamentos de cada um³. A jornalista destaca que estas dificuldades, no entanto, fizeram a vividez e agitação da cidade se espalhar, ir além do centro:

Malgré la crise cependant, Kinshasa fait plus que survivre. Elle vit, intensément. Des boutiques sont ouvertes jusque dans les plus lointains quartiers, des musiques s'échappent de toutes les maisons, les ngandas se multiplient ainsi que les dancings: la pénurie de moyens de transport a fait éclater la vie nocturne, qui désormais ne se limite plus à Matongué. Chacun, s'il le peut, danse et s'amuse près de chez soi. Sur les marchés, les femmes vendent des gobelets de sel, des morceaux de poulet, des quignons de pain: infini détail du commerce, où chacun essaie de gagner quelques miettes(...) (BRAECKMAN, 1988)

A jornalista descreve que Kinshasa e as regiões mineradoras ainda se encontravam numa posição privilegiada. Os efeitos da crise econômica eram mais devastadores fora da capital e dos olhos do

³BRAECKMAN, Colette. "L'austérité au Zaïre". *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%25201%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir>. Acesso em: 16/05/2018.

interesse econômico. Para exemplificar, cita o caso da gasolina em Kisangani:

Si, à Kinshasa, l'essence coûte 50 zaïres (10 FB) ce qui est anormalement bas, à Kisangani, la pénurie a fait flamber les prix. Les revendeurs que l'on appelle, ici comme ailleurs, des Kaddhafi, cèdent des bouteilles d'essence pour 350 zaïres le litre. Le prochain arrivage n'est attendu que dans trois semaines, ou plus tard encore. Au centre ville les magasins sont fermés, la dernière grande surface s'apprête à baisser définitivement ses volets car elle est en rupture totale de stock (BRAECKMAN, 1988)

Por causa de uma dívida de então 400 milhões de francos, tinha sido cortado o fornecimento de combustível à companhia nacional de trens, a Société nationale des chemins de fer zaïrois, dificultando ainda mais o deslocamento intranacional, que já sofria com a crise do abastecimento de combustíveis e a má condição das estradas⁴.

Os indicadores sociais seguiam o resto da situação do país e são descritos na reportagem como algo que se pode dizer catastrófico: com um repasse em 1988 que representava apenas 3% do valor total previsto, a saúde registrava 800 novos casos de lepra por dia na província do Alto Zaire, além de 650 novos casos de tuberculose⁵; as mulheres não tinham condições de realizar tratamento pré-natal. As taxas de evasão escolar aumentavam a cada ano, pois os custos para se manter uma criança na escola eram impraticáveis para o congolês médio⁶; a Universidade de Kisangani dependia de ajuda internacional para continuar aberta; os dormitórios se encontravam lotados e os

⁴BRAECKMAN, op. cit.

⁵BRAECKMAN, op. cit.

⁶BRAECKMAN, op. cit.

alunos tinham de se revezar em turnos para todos poderem dormir; o giz usado na sala de aula era comprado pelos próprios professores⁷.

Uma medida do FMI, para controle inflacionário, havia proibido o Estado de aumentar os salários. Por isso, para atrair sua mão de obra, as companhias privadas ofereciam benefícios extras aos seus funcionários: escola e tratamento médico para o funcionário e sua família, alguns produtos para consumo⁸. As plantações sofriam para recrutar trabalhadores e a mineração, após a liberação da garimpagem de minerais preciosos pelo governo, se tornou, nas palavras da jornalista, “uma lenda de faroeste”:

C'est que, au Kasai oriental, pays du diamant, ou dans la région d'Isiro, pays de l'or, la libéralisation de l'exploitation des minerais précieux a bouleversé les habitudes de travail de la population. Dans chaque village sont apparus des creuseurs, qui ont déserté les champs traditionnels ou les entreprises locales. Comme au Kivu, ces creuseurs tamisent les rivières, taillent de fragiles labyrinthes dans la terre friable, s'enfoncent dans des souterrains qui, parfois, s'effondrent sur eux (BRAECKMAN, 1988)

Naqueles dias no Zaire, segundo a reportagem, tudo era uma questão política: ser amigo do presidente, ou de quem estava próximo ao poder, era a única alternativa para se fazer negócios ou arrumar um bom emprego. Para quem não estava inserido nas altas rodas, os impostos e taxas se multiplicavam e as portas se fechavam⁹. Mobutu mantinha, na capital, uma vila, asfaltada e com iluminação pública funcionando, onde havia a capela de Notre-Dame de la Miséricorde,

⁷BRAECKMAN, op. cit.

⁸BRAECKMAN, op. cit.

⁹BRAECKMAN, op. cit.

local em que um padre espanhol rezava as missas em latim e havia homenagens à sua primeira esposa, Mama Mobutu, o palácio presidencial e uma área residencial¹⁰. A vila, chamada Gbdolite, foi apelidada de “Versailles da selva” por um jornalista sul-africano. A fortuna pessoal de Mobutu, em 1982, era avaliada em quatro bilhões de dólares¹¹.

Em fevereiro de 1989, a mesma jornalista, Colette Braeckman, cobriu um protesto de 250 estudantes congolezes em Bruxelas. Eles se reuniram em uma sexta-feira à tarde, na localidade de Champ de Mars, próximo ao quarteirão Matongé, para protestar contra o que foi chamado de desmantelamento da educação do Zaire: a situação difícil em que seus colegas universitários se encontravam no país – as aulas, tanto no colegial quanto nas universidades, estavam suspensas até 15 de abril – além da própria dificuldade deles, estudantes que se encontravam no exterior de forma subsidiada, para se manterem ante a situação do país africano¹². Os manifestantes fizeram demonstrações contra o FMI, Joseph Mobutu e Léon Kengo, primeiro-ministro congolês símbolo das políticas de austeridade¹³. A polícia acompanhou de perto a manifestação, que não registrou tumultos ou violência, muito menos atingiu a Embaixada do Zaire, que estava próxima. Colette

¹⁰BRAECKMAN, op. cit.

¹¹BRAECKMAN, op. cit.

¹²BRAECKMAN, Colette. “Quelque 250 étudiants zairois”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890225-W3QV1C?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DQuelque%2520250%2520%25C3%25A9tudiants%2520za%25C3%25AFrois>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹³BRAECKMAN, op. cit.

também destaca a assinatura, por parte do Zaire, da Convenção das Nações Unidas Contra a Tortura, um esforço do governo para mostrar que as frequentes acusações contra o país de violação dos direitos e das liberdades dos cidadãos eram infundadas¹⁴.

Tais reportagens ilustram bem a conjuntura difícil que os congoleses enfrentavam no final da década de 1980 e que confluía para que os fluxos imigratórios para a antiga metrópole se massificassem.

Quartier Matongé e Galerie Ixelles: os redutos da comunidade congolesa na capital belga

A comunidade congolesa na capital belga, mesmo antes da massificação dos fluxos migratórios entre os dois países em questão, formou seu reduto em Bruxelas: o quarteirão Matongé. O nome é uma referência a um bairro de Kinshasa, que, por sua vez, faz alusão ao nome de um fruto:

Et pourquoi Matonge d'abord? À l'origine, c'est le nom d'un fruit tropical, un peu aigre et rouge à l'intérieur. Et puis, c'est surtout le nom d'un des quartiers les plus chauds de Kinshasa, dans la commune de Kalamu, et où les jeunes vont danser, écouter de la musique et s'éclater jusqu'au petit matin (GÉRARD et al., 1994)

O quarteirão localiza-se em Ixelles e sua constituição está historicamente ligada a Maison Africaine, um albergue e espaço de

¹⁴BRAECKMAN, op. cit.

apoio para estudantes e estagiários africanos na capital belga criado muito por causa da Expo 58 – a exposição mundial¹⁵.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a maioria dos africanos que frequentavam a região eram diplomatas ou estudantes. A partir do fim da década de 1980, o público se diversificou¹⁶, mimetizando as características dos fluxos migratórios entre o então Zaire e a Bélgica. Seu epicentro é a Gallerie Ixelles, localizada na esquina das vias Wavre e Ixelles¹⁷. A galeria, em janeiro de 1990, tinha 60% dos seus estabelecimentos tocados por pessoas de origem zairiana, entre as quais a grande maioria era mulheres¹⁸. Apesar de a região ficar conhecida como reduto da comunidade congoleza, naqueles dias, a vizinhança era a mais cosmopolita possível: na área, havia comércios administrados, entre outras nacionalidades, por haitianos, russos, paquistaneses, espanhóis, italianos e também por belgas¹⁹. Entre os tipos de estabelecimentos por lá encontrados, Lamensch descreve uma grande variedade:

En remontant de la chaussée de Wavre à la chaussée d'Ixelles, la galerie commerciale offre les devantures les plus variées. Tshuapa propose des poisons fumés et de l'artisanat, Malandi

¹⁵BOURTON, William. "Matonge n'est pas le ghetto noir de Bruxelles". *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19961118-W33FNV?referer=%2Farchives%2F recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DMatonge%2520n%25C2%25B4est%2520pas%2520le%2520ghetto%2520noir%2520de%2520Bruxelles#_ga=2.138431091.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

¹⁶BOURTON, op. cit.

¹⁷LAMENSCH, Michelle. "A Matongue-Ixelles, la galerie". *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2F recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁸LAMENSCH, op.cit.

¹⁹LAMENSCH, op.cit.

et Adelu tiennent leur snack, Mama Leki vend des étoffes (Wax). On compte encore quelques centres de beauté et salons de coiffure «Afro», un disquaire. Et si les cafés sont encore fermés en cette fin de matinée, on s'affaire déjà derrière l'ordinateur de l'African Business Contacts (LAMENSCH, 1990)

As origens da galeria remontam à década de 1950 e nada tinham a ver com a comunidade zairiana ou qualquer outra comunidade imigrante da capital:

Ouverte en 1954, la galerie abrite soixante-trois magasins et, depuis le début, très peu d'exploitants propriétaires, en raison de l'exiguïté des surfaces qui empêche d'y tenir des commerces de standing. On y trouvait à l'origine essentiellement un snackbar, des boutiques de passementerie, magasins de lingerie, faux et vrais bijoutiers. Et la clientèle était en majorité belge (LAMENSCH, 1990)

A perspectiva do jornal Le Soir sobre os anos iniciais da massificação dos fluxos migratórios entre Zaire e Bélgica: relatos sobre o dia a dia no Matongé

Uma reportagem publicada por Michelle Lamensch em 1990 e outra, do mesmo ano, mas assinada pelo jornalista Serge Trimpont, revelam uma rotina de constantes abusos e verificações, por parte das autoridades imigratórias, na região do Matongé. Trimpont escreveu sobre Charles Musonda, um jogador de futebol zambiano do Anderlecht, clube de Bruxelas e um dos mais tradicionais do futebol belga. Considerado o 14º melhor jogador africano atuando no continente europeu no ano de 1989 pela premiação Ballon d'Or africain,

promovida pela tradicional revista *France Football*, titular da seleção de seu país, eleito, por jornalistas de Botswana e da Zâmbia, o melhor jogador africano de 1989, destaque de um dos maiores clubes da Bélgica, Musonda relatou que, em uma visita ao Matongé, nem mesmo ele escapou da abordagem dos *gendarmerie*:

Je suis complètement adapté, maintenant, à la vie bruxelloise, lance-t-il. Et puis, j'ai mes points de repère. Je vais très souvent me promener au quartier Matonge, où je compte pas mal d'amis zairois. Moi aussi, j'y rencontre parfois des policiers. L'autre jour encore, l'un d'eux m'a interpellé à proximité du métro pour vérifier mes papiers. Quand il a vu que j'étais Charles Musonda, il s'est vite calmé! (TRIMPONT, 1990)

Para Lamensch, um rosto anônimo descreve uma situação muito mais dramática e difícil. Uma moça, dona de um negócio na Galerie Ixelles, fala, detalhadamente, sobre a rotina de operações de controle migratório na galeria:

Pour leurs contrôles de routine, les gendarmes bloquent les sorties de la galerie avec leurs voitures. Une même personne peut être interpellée plusieurs fois en quelques minutes. Ils entrent dans les magasins et demandent les papiers comme si on avait tué quelqu'un. On ne peut poser aucune question. Parfois, nos papiers sont chez nous, parfois on les attend de l'administration. On n'a pas de plaisir d'être irrégulier. On travaille et on paie des impôts. On se sent coupable, agressé: certains nous injurient en lingala, nous conseillent d'appeler Mobutu à l'aide (LAMENSCH, 1990)

A proprietária ainda destaca que não é a intenção de ninguém, dentro da galeria, transformar o local em um gueto proibido a europeus e aos *gendarmerie*; pelo contrário: diz que eles ali gostariam de ter mais

clientes europeus, mas que toda esta rotina de ações não é boa para o comércio. Ela é eloquente ao defender seu ponto de vista: “Or c'est nous qui avons fait revivre cette galerie”²⁰.

M. Bliard, um joalheiro belga que mantém um negócio fundado em 1924 por seu pai e está na galeria desde sua abertura²¹, ao contrário da zairiana, defende que a rotina de verificações, segundo ele, feitas também por agentes à paisana, não atrapalharia o cotidiano do local e se fazia necessária: ele já havia sido assaltado, à época da entrevista, 11 vezes. Ele, que, então, também era o presidente do conselho de administração da galeria²², dizia ser um dos responsáveis por manter a ordem no lugar: proibia mulheres de amamentarem no terraço, vigiava os cochilos públicos; pintava linhas no chão para que cada lojista respeitasse os limites de sua respectiva loja, pedia para alguns diminuírem o barulho²³. Para o belga, havia alguns africanos melhores que outros nos quesitos ordem e disciplina, e justifica dizendo: “c'est la galerie la plus exotique de Belgique!”²⁴. Um sapateiro espanhol que trabalha em uma das esquinas da região reforça a visão Bliard:

Un exotisme qui ne dérange nullement le cordonnier espagnol installé à l'angle de la chaussée d'Ixelles. Les Noirs mettent aussi des chaussures. Ils constituent un tiers de ma clientèle. Parfois, ils marchandent ou il leur manque 20 F. Mais à part ça, tout va bien (LAMENSCH, 1990)

²⁰LAMENSCH, Michelle. “A Matongue-Ixelles, la galerie”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch>>. Acesso em: 16/05/2018.

²¹LAMENSCH, op.cit.

²²LAMENSCH, op.cit.

²³LAMENSCH, op.cit.

²⁴LAMENSCH, op.cit.

Logo em março de 1989, houve um incidente no quarteirão Matongé que gerou muita tensão entre a comunidade congoleza e belga em Bruxelas, expondo toda a tortuosidade presente na relação entre este grupo de imigrantes e a sociedade belga. Em uma terça-feira, logo após as 14h00, uma patrulha da *gendarmérie* realizava mais uma ação de checagem de documentos na Galerie Ixelles. Um dos objetivos da ação, como caracterizado em uma reportagem do *Le Soir*, era identificar imigrantes ilegais²⁵. Na versão dos transeuntes, um homem, de origem zairiana, foi abordado em frente ao salão Africana Coiffure, por três agentes da *gendarmérie*. Indocumentado, ele foi detido pela patrulha e concordou em ir prestar esclarecimentos sobre sua situação migratória²⁶. No entanto, os *gendarmérie* lhes disseram que a viagem do Matongé até o local de esclarecimento deveria ser feita com ele algemado, exigência com a qual o homem detido não concordou²⁷. Esta versão dos fatos diverge da apropriada pelos agentes de controle migratório. Segundo eles, durante um patrulhamento de rotina, notaram que dois homens e três mulheres, que conversavam de forma ruidosa na frente do salão, ante a aproximação deles, buscaram refúgio dentro do estabelecimento e, um dos homens aparentou tentar esconder uma das

²⁵WILMOTTE, Thierry. “L’interpellation mouvementée”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890329-W3QNK8?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527interpellation%2520mouvement%25C3%25A9e>>. Acesso em: 16/05/2018.

²⁶WILMOTTE, op. cit.

²⁷WILMOTTE, op. cit.

moças²⁸. Foi aí que os *gendarmes* forçaram a entrada no Africana Coiffure, agora contando com o reforço de mais dois agentes, e que, na confusão, a moça que aparentemente era protegida por um dos rapazes, se escondeu no primeiro piso do estabelecimento²⁹.

Na sexta-feira daquela semana, o homem detido ainda continuava preso, mesmo tendo sido descoberto que não se tratava de um imigrante ilegal – o rapaz era cidadão belga³⁰.

Quase um ano depois deste incidente, outra situação causou grandes atritos entre a comunidade africana e os *gendarmes* no Matongé. Em uma segunda-feira, por volta das 20h00, um veículo da força policial começou a conduzir uma ação de verificação de documentos na Gallerie Ixelles³¹. Conforme o jornalista Christian Du Brulle deixa claro na reportagem “Nouvel incident a “Matonge”, não se sabe o porquê, mas reforços foram chamados, bloqueando vários metros da via Wavre. A reação dos presentes ao *modus operandi* dos *gendarmes* foi violenta: sacos de lixo e garrafas foram jogados contra as viaturas³²; segundo testemunhas, um dos policiais chegou a pegar sua arma³³. Uma multidão de curiosos se aglomerou no local, e uma das questões que pairava sobre eles era: “por que as ações de verificação

²⁸WILMOTTE, op. cit.

²⁹WILMOTTE, op. cit.

³⁰WILMOTTE, op. cit.

³¹DU BRULLE, Christian. “Nouvel incident a ‘Matonge’”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900123-W3P560?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DNouvel%2520incident%2520a%2520%2522matonge%2522>>. Acesso em: 19/11/2018.

³²DU BRULLE, op. cit.

³³DU BRULLE, op. cit.

estão tão frequentes?”. O próprio repórter traz uma possível explicação: na semana anterior, durante outra ação de verificação, um *gendarmerie* havia sido espancado no local³⁴. O tumulto durou cerca de uma hora; às 21h00, as forças de segurança dissolveram a multidão e, sob vaias, deixaram a galeria³⁵. A ação não só tornou mais tensa a relação entre africanos e a *gendarmerie* como também abalou a relação entre estes e a comuna de Ixelles: Yves de Jonghe d'Ardoye, conselheiro municipal da região, cobrou que, tendo a situação se degenerado, a comuna deveria ter sido avisada, além de mostrar preocupação, pois a polícia comunitária, ao contrário dos *gendarmerie*, gozava de bom trânsito entre os frequentadores da Gallerie Ixelles³⁶.

Yves d'Ardoye, em uma reunião com o comando dos *gendarmerie* na região para discutir os eventos ocorridos, ainda mostrou números sobre a criminalidade em sua comuna e reforçou que ali não era uma região violenta: no ano anterior, 1989, havia ocorrido 321 delitos por lá, sendo a grande maioria deles infrações leves, como ofensas, por exemplo³⁷. Uma reportagem de François Robert, que aborda esta reunião ocorrida entre o conselheiro municipal e o comando dos *gendarmerie*, revela uma observação importante: no início do ano de 1990, dos 2.000 habitantes do Mantogé, apenas 366 eram negros³⁸,

³⁴DU BRULLE, op. cit.

³⁵DU BRULLE, op. cit.

³⁶ROBERT, François. “Ixelle veut calmer les esprits trop échauffés par Matonge”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < <https://plus.lesoir.be/art/d-19900127-W3P4GN?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DIxelles%2520veut%2520calmer%2520les%2520esprits%2520trop%2520%25C3%25A9chauff%25C3%25A9s%2520par%2520Matonge> >. Acesso em: 16/05/2018.

³⁷ROBERT, op. cit.

³⁸ ROBERT, op. cit.

realidade que não correspondia ao rótulo de “bairro negro” que a localidade havia ganhado; da mesma forma, a reputação de “má vizinhança” também era infundada, como é possível comprovar pelos números trazidos anteriormente por Yves de Jonghe d'Ardoye – como Robert (1990) escreveu: “Tout au plus peut-on lui reprocher ses nombreux tapages nocturnes”. Ser considerado o bairro africano de Bruxelas era uma via de mão dupla para o Matongé.

O ocorrido transbordou os limites políticos de Bruxelas, e não só arranhou a imagem política belga entre seus nacionais, como também internacionalmente. Questionado pelo deputado socialista Ivan Mauyer no parlamento sobre as constantes operações da *gendarmérie* no “bairro negro” da capital e sobre a dificuldade dos agentes em cumprir suas missões respeitando os direitos humanos, Louis Tobback, então ministro do interior belga, deu a seguinte explicação:

Tobback réagit en ministre de l'Intérieur: couvrant ses hommes, niant toute intervention intempestive et affirmant n'avoir pu vérifier si les propos racistes reprochés à l'un des gendarmes avaient été tenus. Le ministre avance, également, «son» explication des événements...

«Il s'agissait de contrôles d'identité de routine, déclare-t-il, comme il s'en produit depuis des années, sans que cela ne provoque d'incidents. Contrôles qui se justifient, puisqu'ils donnent lieu à la découverte d'illégaux».

Quelle explication Tobback voit-il, dès lors, aux incidents? A chacune des deux dernières occasions, il y avait, relève-t-il, des diplomates zairois dans le voisinage. Sans doute une coïncidence... «Pourquoi penserais-je autrement?» Et de conclure: «Je ne céderai à aucune forme d'intimidation. Les contrôles continueront, sauf si le ministre de la Justice posait le problème ou si le bourgmestre d'Ixelles me demandait solennellement de les suspendre» (DUBUISSON, 1990)

O ministro de relações exteriores belga no momento, Mark Eyskens, recebeu uma delegação do Comitê de Embaixadores dos Países da ACP (África – Caribe – Pacífico) que demonstrou suas “mais vivas emoções” ante os acontecimentos no Matongé e declarou preocupação quanto às medidas “vexatórias” e “tratamento brutal” aos quais seus compatriotas eram expostos “com cada vez mais frequência” nas fronteiras e nos territórios dos países membros da Europa dos 12³⁹⁴⁰.

Não demorou muito, após a operação de controle migratório que acabou se degenerando em violência, para outro episódio associado a racismo aquecer ainda mais os ânimos entre a comunidade imigrante africana e os belgas. Em 25 de maio de 1990, uma reportagem de Christian du Brulle noticiava um incêndio que havia consumido a casa noturna Memphis, localizada na Rua Dublin, região do Matongé. Segundo suspeitas, o fogo teria sido criminoso⁴¹. De acordo com o artigo jornalístico, após três anos como um clube privado, a danceteria passou, em 1985, a ser aberta ao público, o que começou a atrair clientes com um “comportamento inapropriado” – incidentes se tornaram

³⁹Nome dado à Comunidade Econômica Europeia após a entrada, na década de 1980, da Inglaterra, Grécia, Espanha, Dinamarca, Irlanda e Portugal no bloco.

⁴⁰METDEPENNINGEN, Marc. “Ambassadeur ACP apres Matongue”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900207-W3P2TX?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DAMBASADEUR%2520ACP%2520APRES%2520MATONGUE>>. Acesso em: 19/11/2018.

⁴¹DU BRULLE, Christian. “Incendie dancing Matongue (Le Memphis) / spectre du racism”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900525-W3NDJF?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DApr%25C3%25A8s%25201%2527incendie%2520du%2520%25C2%25ABMemphis%25C2%25BB%252C%2520Matongue%2520%25C3%25A0%2520nouveau%2520en%2520%25C3%25A9bullition>>. Acesso em: 19/11/2018.

constantes dentro do estabelecimento⁴². Numa noite de sábado para domingo, um grupo de quatro pessoas de origem norte-africana tentou reingressar no Memphis, após ter saído, e seu acesso foi negado; uma briga começou e uma dos membros deste grupo foi ferido com uma faca, fato testemunhado por vários outros indivíduos que estavam na frente da boate. O ferido foi encaminhado para um hospital, mas a briga continuou, em outro ponto da Rua Dublin⁴³. Após a situação estar resolvida, como relatou o dono da Memphis ao *Le Soir*, dois carros se aproximaram da porta da danceteria, e um dos ocupantes dos veículos teria lhe dito que sua boate estava acabada⁴⁴. Na terça-feira seguinte ao ocorrido, uma patrulha policial viu um carro com ocupantes, parado em frente ao estabelecimento, dar partida ao perceber sua aproximação; quando chegaram mais próximos, os policiais notaram que havia fumaça saindo do prédio da danceteria. O temor de todos no Matongé, segundo Brulle, era que houvesse uma intensificação das operações de controle migratório no bairro por causa da suspeita que o incêndio seria uma represália ao ocorrido com as quatro pessoas de origem norte-africana⁴⁵.

Durante o lapso temporal abarcado nesta pesquisa, a comunidade zairiana foi associada largamente a dois tipos de atividades criminosas. Entre o fim da década de 1980 e o início da década de 1990, uma série de pessoas vindas do Zaire esteve nas manchetes do *Le Soir* por

⁴²DU BRULLE, op. cit.

⁴³DU BRULLE, op. cit.

⁴⁴DU BRULLE, op. cit.

⁴⁵DU BRULLE, op. cit.

participarem de crimes “do colarinho branco” – delitos de ordem financeira: falsificação de cartões de crédito; fraudes para envio irregular de dinheiro ao exterior e saque. Os crimes não se mostraram isolados, e logo foi descoberto que havia uma gangue especializada na falsificação de cartões de crédito e transferência postal⁴⁶ operando na Bélgica. Apesar de a gangue não ser composta totalmente por zairianos, mas, sim, sua maioria (um carteiro belga, que trabalhava na região do Matongé, foi pego desviando cartões de crédito enviados pelas operadoras por via postal a membros da gangue, por exemplo⁴⁷), ela foi apelidada com um nome que a associava à comunidade e ao país africano: “Zairian Connection”⁴⁸. Depois, em meados de 1992, o Matongé foi tomado por uma verdadeira epidemia: o crack chegou à Bélgica. O grande centro de venda e consumo desta droga, um derivado da cocaína e de preço abaixo das demais, se estabeleceu no “quarteirão africano”, na Rue Longue Vie, entre seus cruzamentos com a Chaussée de Wavre e a Rue de la Paix⁴⁹. O trecho, neste período, foi apelido de

⁴⁶VAN DAMME, Guido. “Escroquerie aux assignations postales”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19930206-W3FD0J?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DEscroquerie%2520aux%2520assignations%2520postales#_ga=2.154823672.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

⁴⁷WILMOTTE, Thierry. “Des dizaines de victims a Bruxelles un postier traquait les cartes de credit dans le courrier”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19911205-W3JK6A?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%26start%3D490%26word%3DTHIERRY%2BWILMOTTE#_ga=2.74531026.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

⁴⁸WILMOTTE, op. cit.

⁴⁹WOUTERS, Jean. “Autopsie de la rue Longue-vie”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < <https://plus.lesoir.be/art/d-19940125-W3CNY6?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%26start%3D10%26word%3DAutopsie%2Bde%2Bla%2B Rue%2BLongue->

“corredor da morte”. Com a chegada do consumo da então nova droga, a criminalidade aumentou na região: índices de assaltos e roubos cresceram. Uma reportagem escrita por Jean Wouters em 1994 denunciava também as constantes brigas e agitações na área, que assustavam os moradores⁵⁰. Um morador interpelado pelo jornalista discute sobre como um dos aspectos que podem ser interpretados como parte de um processo de marginalização da área – o estado de má conservação do bairro – estava contribuindo para o alastramento da epidemia do crack:

Les immeubles se vident de leurs habitants, les propriétaires ne se soucient pas de leur bien et quand les maisons ne sont plus que des taudis, on les loue à des Africains. C'est honteux!⁵¹.

De início, a produção do entorpecente se dava no próprio Matongé, em laboratórios caseiros que eram presas fáceis para a polícia. Com o passar do tempo, a produção começou a ficar mais sofisticada: uma técnica, a mistura da droga a vegetais congelados importados de outros países, foi muitas vezes utilizadas para manter o abastecimento do consumo local. Havia, também, outras variações da cocaína que eram vendidas no bairro, como o “caillou”, chamado por muitos de “youcs”⁵².

vie#_ga=2.180372455.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

⁵⁰WOUTERS, op. cit.

⁵¹WOUTERS, op. cit.

⁵²VUILLE, Nicolas. “Une trentaine de personnes arretees operation anti-crack a Bruxelles”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < <https://plus.lesoir.be/art/d-19931130-W3D36J?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2>

Em 1994, assumiu como prefeito de Bruxelas Yves De Jonghe. O político, que esteve à frente da comuna de Ixelles e defendeu o Matongé em um dos incidentes que gerou muita tensão entre a comunidade africana e os *gendarmes* no início da década de 1990, chegou à prefeitura da capital belga prometendo limpar sua cidade de tudo que a depreciava⁵³. De Jonghe deu início a uma política de frequentes operações policiais e de vigilância sanitária, além de impor aos bairros da cidade o fim do barulho em bares e estabelecimentos à 1h00⁵⁴. A primeira operação deste tipo em seu mandato, noticiada em 25 de janeiro de 1994 pelo *Le Soir*, ocorreu na vizinhança de Place du Châtelain; o prefeito fez questão de frisar que o fato do Matongé não ter sido o primeiro destino provava a todos que ele não era racista. No entanto, sua opinião sobre a região e sobre os zairianos transbordava estereótipos: “Bien sûr qu'il y a encore des tas de gens bien à Matonge. Vous savez, le Zaïrois est convivial, il vit la nuit et il aime faire la fête. Moi aussi, mais il y a des limites”⁵⁵. A fama que o quarteirão tinha de ser uma região jovem e festeira, além da crescente no consumo do crack, com o passar do tempo fez com que ele viesse a ser alvo de cada

520asc%26word%3DUne%2520trentaine%2520de%2520personnes%2520arretees%2520operation%2520anti-crack%2520a%2520Bruxelles#_ga=2.78778324.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

⁵³VANTROYEN, Jean-Claude. “Yves de Jonghe, nettoyeur en chef d’Ixelles”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19940125-W3CNXM?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3D%2520Jean-Claude.Yves%2520de%2520Jonghe%2520C%2520nettoyeur%2520en%2520chef%2520d%2520C%2520B4Ixelles#_ga=2.184231910.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

⁵⁴VANTROYEN, op. cit.

⁵⁵VANTROYEN, op. cit.

vez mais frequentes operações policiais, de vigilância sanitária e de controle migratório, causando uma nova escalada de tensão entre as autoridades e a comunidade imigrante africana. Em setembro de 1994, uma operação de controle sanitário conduzida em diversas galerias da região do Matongé em um final de tarde de quarta-feira terminou com tumulto e tiros de advertência disparados pela polícia. No total, foram 17 estabelecimentos visitados, restando apenas quatro deles com todas as licenças e permissões de funcionamento regulares. No arrasto desta operação, 150 verificações de documentos foram feitas e oito pessoas foram fichadas por estarem em situação migratória ilegal⁵⁶.

Cerca de dois meses após o incidente relatado, outra operação do tipo acabou saindo do controle no Matongé. Dois agentes da *gendarmérie*, que estavam vigiando uma loja de roupas íntimas femininas, desconfiados, resolveram entrar na loja e verificar o local. Entrando, flagraram o responsável pelo estabelecimento e outra pessoa negociando mercadorias roubadas. Na porta da loja, inicialmente, 30 curiosos se aglomeraram ao perceberem a ação⁵⁷. Quando os agentes

⁵⁶Des coups de semonce ont ete tires lors de controles policiers a ixelles le quartier de matonge en emoi mercredi soir. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < [https://plus.lesoir.be/art/d-19940922-](https://plus.lesoir.be/art/d-19940922-W3A3LA?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDes%2520coups%2520de%2520semonce%2520ont%2520ete%2520tires%2520lors%2520de%2520controles%2520policiers%2520a%2520Ixelles%2520le%2520quartier%2520de%2520Matonge%2520en%2520emoi%2520mercredi%2520soir#_ga=2.75587797.1347707519.1543946155-130356841.1543946154)

W3A3LA?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDes%2520coups%2520de%2520semonce%2520ont%2520ete%2520tires%2520lors%2520de%2520controles%2520policiers%2520a%2520Ixelles%2520le%2520quartier%2520de%2520Matonge%2520en%2520emoi%2520mercredi%2520soir#_ga=2.75587797.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

⁵⁷VAN VAERENBERGH, Oliver. “Serieuse altercation a Matonge a coups de noix de coco contre la Police”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19941112-W39QRZ?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DSerieuse%2520altercation%2520a%2520Matonge%2520a%2520coups%2520de%2520noix%2520de%2520coco%2520contre%2520la%2520police#_ga=2.142739445.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

tentaram sair com os infratores algemados de dentro da loja, cerca de 200 pessoas se abarrotavam em frente às vitrines, impedindo que os *gendarmes* os levassem⁵⁸. Havendo um varejão próximo à venda de moda íntima, as pessoas que acompanhavam toda a situação do lado de fora começaram a pegar cocos que ali estavam à venda e jogar na direção dos agentes. A situação só foi controlada por dois motivos: um terceiro *gendarme* chegou para ajudar seus colegas e o fim dos itens arremessáveis no varejão⁵⁹.

No fim da década de 1990, as páginas do *Le Soir* trouxeram luz a mais um dos múltiplos desdobramentos decorrentes de toda a complexidade que formava o fenômeno da imigração africana à Bélgica: o país recebeu um grande número de refugiados provenientes de Ruanda, pessoas afetadas pelo genocídio ocorrido em 1994⁶⁰; entre os que vieram estavam hutus, maioria étnica da qual os promotores do genocídio faziam parte, e tutsis, minoria étnica da qual a maior parte das vítimas do genocídio fazia parte; tutsis, mesmo refugiados na Bélgica, começaram a sofrer ameaças e preconceito explícito de hutus. O jornal conta o caso de Augustine, tutsi que, um dia, enquanto tomava

⁵⁸VAN VAERENBERGH, op. cit.

⁵⁹VAN VAERENBERGH, op. cit.

⁶⁰“La peur des génocidaires hante la communauté tutsi: la difficile cohabitation entre réfugiés rwandais”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19980404-W2Z988?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DLA%2520peur%2520des%2520g%25C3%25A9nocidaires%2520hante%2520la%2520communaut%25C3%25A9%2520tutsi%253A%2520la%2520difficile%2520cohabitation%2520entre%2520r%25C3%25A9fugi%25C3%25A9s%2520rwandais#_ga=2.185164009.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

cerveja com o marido e amigos no Mantongé, foi ameaçada por um hutu:

Soudain un type s'est penché vers moi, raconte-t-elle, et m'a dit en kinyarwanda: «Vous avez essayé de fuir mais on va vous tuer ous». C'était un Hutu. J'ai eu l'impression que mon coeur cessait de battre. Je lui ai fait répéter ce qu'il venait de dire. Il a ajouté: «On n'en a pas tué assez. Dommage que la Belgique vous ait accueillis.» Je l'ai empoigné. Mon mari, belge, a dû s'interposer entre nous (LE SOIR, 1998)

Aquela não era primeira vez que Agostine passava por isso na Bélgica. Na mesma reportagem, ela narra uma situação de injúria que sofreu em Anderlecht:

Augustine a encore vécu à deux autres reprises des menaces de ce genre. Au marché d'Anderlecht, un couple s'est planté devant moi. Le type a dit: Tu as vu la Tutsi?. La femme a répondu: Ça existe encore? On ne les achèvera donc jamais? (LE SOIR, 1998)

Fato é que conflitos étnicos começavam não só a transparecer entre a comunidade ruandesa, mas entre toda a comunidade africana no país. Isso se comprova quando a mesma reportagem traz o relato de um caso ocorrido no bairro de Sainte-Marguerite, na cidade de Liège: um rapaz, proveniente do Burundi, matou, com uma arma, a ex-companheira, duas pessoas que estavam com ela no momento do ataque e, posteriormente, tirou sua própria vida. O que se descobriu depois foi que o feminicídio não tinha fundo apenas em questões de gênero: o rapaz havia mentido para a moça e para outros membros de sua etnia⁶¹. As autoridades de Liège, na reportagem, admitem ter percebido um

⁶¹Op. cit.

aumento das queixas sobre problemas étnicos⁶², mas fica claro que as instituições belgas ainda se adaptavam à existência de crimes deste caráter.

Considerações finais

Após a análise dos arquivos do jornal *Le Soir*, é possível perceber que a relação entre a sociedade belga e a comunidade congoleza presente no país, durante os anos compreendidos entre 1989 e 2000, foi marcada por estranhamento e exotização, fatores que, em muitas ocasiões, desencadearam atitudes racistas. É visível que estas três variantes se faziam presentes tanto na sociedade civil quanto na esfera governamental.

A figura de M. Bliard pode ser dada como exemplo do estranhamento e exotização que havia no seio da sociedade civil. Ele, que era o presidente do conselho de administração da Gallerie Ixelles, dizia que aquela era a galeria mais exótica da Bélgica e empregava vigilância contra africanos que não se enquadrassem nos padrões comportamentais ocidentais: segundo ele, alguns congolezes eram melhores que outros no quesito disciplina.

Já na esfera governamental, a exotização e estranhamento dos imigrantes congolezes e africanos, de forma mais ampla, pode ser enxergada por meio das falas e atitudes do ministro Louis Tobback ou do prefeito Yves de Jonghe d'Ardoye.

⁶²Op. cit.

Tobback, após um dos muitos episódios que expuseram a conturbada relação que havia entre os imigrantes africanos frequentadores da Gallerie Ixelles e a *gendarmerie*, preferiu fechar os olhos às denúncias de abusos e excessos de que estes agentes públicos, responsáveis pelo controle migratório, eram alvo, e ainda acusou diplomatas zairianos, que estavam no Matongé, de serem agitadores. Já d'Ardoye conduziu uma política de constantes ações de controle da vigilância sanitária que, muitas vezes, eram acompanhadas por operações de controle imigratório.

Pode-se pensar também, partindo da fala carregada de estigma do engraxate espanhol que trabalhava em uma das esquinas do Matongé, em uma cisão, na sociedade belga, entre brancos e não brancos, ou então, dentro da população imigrante, daqueles que são vistos como ocidentais e os não ocidentais:

Un exotisme qui ne dérange nullement le cordonnier espagnol installé à l'angle de la chaussée d'Ixelles. Les Noirs mettent aussi des chaussures. Ils constituent un tiers de ma clientèle. Parfois, ils marchandent ou il leur manque 20 F. Mais à part ça, tout va bien (LAMENSCH, 1990)

Referências Bibliográficas

BOURTON, William. “Matonge n’est pas le ghetto noir de Bruxelles”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19961118-W33FNV?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DMatonge%2520n%25C2%25B4est%2520pas%2520le%2520ghetto%2520noir%2520de%2520Bruxelles#_ga=2.138431091.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

BRAECKMAN, Colette. “L’austérité au Zaïre”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%2520l%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir>. Acesso em: 16/05/2018.

_____. “Quelque 250 étudiants zaïrois”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890225-W3QV1C?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DQuelque%2520250%2520%25C3%25A9tudiants%2520za%25C3%25AFrois>>. Acesso em: 16/05/2018.

COLJON, Thierry. “Les halles de Schaerbeek avant travaux quels travaux?”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19920624-W3H20Z?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D40%26word%3Dmatonge>>. Acesso em: 19/11/2018.

DEMART, Sarah. “Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives”. *African Diaspora*, n. 06, p. 01-20, jun. 2013. Disponível em <http://booksandjournals.brillonline.com/docserver/18725465/6/1/18725465_006_01_s001_text.pdf?expires=1532712834&id=id&acname=guest&checksum=9D21A8E3A6EC84A5EEB5E447E2078A6E>. Acesso em: 24/07/2018.

DEMART, Sarah; BODEUX, Leïla. “Postcolonial stakes of Congolese (DRC) political space: 50 years after independence”. *African Diaspora*, n. 06, p. 72-96, jun. 2013. Disponível em <<http://booksandjournals.brillonline.com/content/journals/10.1163/18725457-12341242>>. Acesso em: 24/07/ 2018.

DES COUPS DE SEMONCE ONT ETE TIRES LORS DE CONTROLES POLICIERS A IXELLES LE QUARTIER DE MATONGE EN EMOI MERCREDI SOIR. *Le Soir*, Bruxelas.

Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19940922-W3A3LA?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDes%2520coups%2520de%2520semonce%2520ont%2520ete%2520tires%2520lors%2520de%2520controles%2520policiers%2520a%2520Ixelles%2520le%2520quartier%2520de%2520Matonge%2520en%2520emoi%2520mercredi%2520soir#_ga=2.75587797.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

DUBUISSON, Martine. “Quartier Matonge à Ixelles: diplomates zaïrose “agitateurs”?”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19900203-W3P3CE?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DQuartier%2520Matonge%2520%25C3%25A0%2520Ixelles%253A%2520diplomates%2520za%25C3%25AFrois%2520%25C2%25ABagitateurs%25C2%25BB#_ga=2.108662338.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 16/05/2018.

DU BRULLE, Christian. “Incendie dancing Matongue (Le Memphis) / spectre du racisme”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900525-W3NDJF?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DApr%25C3%25A8s%25201%2527incendie%2520du%2520%25C2%25ABMemphis%25C2%>

25BB%252C%2520Matonge%2520%25C3%25A0%2520nouveau%2520en%2520%25C3%25A9bullition>. Acesso em: 19/11/2018.

_____. Nouvel incident a “Matonge”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900123-W3P560?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DNOUVEL%2520INCIDENT%2520A%2520%2522MATONGE%2522>>. Acesso em: 19/11/2018.

EVANS, Peter. “O Estado como problema e solução”. *Lua Nova*, São Paulo, n. 28-29, p. 107-157, Abr. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451993000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09/07/2018.

GÉRARD, Alain; DEWEZ, Alain. “A Matonge, la nuit, tous les chats sont noirs... un regard different sur un quartier a la derive project “Eureal” abandonne...” *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19941117-W39PVR?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DA%2520Matonge%252C%2520la%2520nuit%252C%2520tous%2520les%2520chats%2520sont%2520noirs#_ga=2.113910343.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 19/11/2018.

LAMENSCH, Michelle. “A Matongue-Ixelles, la galerie”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch>>. Acesso em: 16/05/2018.

LA PEUR DES GÉNOCIDAIRES HANTE LA COMMUNAUTÉ TUTSI: LA DIFFICILE COHABITATION ENTRE RÉFUGIÉS RWANDAIS. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19980404-W2Z988?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DLa%2520peur%2520des%2520g%25C3%25A9nocidaires%2520hante%2520la%2520commu naut%25C3%25A9%2520tutsi%253A%2520la%2520difficile%2520c ohabitation%2520entre%2520r%25C3%25A9fugi%25C3%25A9s%2 520rwandais#_ga=2.185164009.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

MEDIADEM. *European Media Policies Revisited: Valuing and Reclaiming Free and Independent Media in Contemporary Democratic Systems*. 2010.

MERTENS, J., et al. “A New Floor For The Silenced? Congolese hip-hop in Belgium”. *Social Transformations*, v. 1, n. 1, pp. 87-113, 2013.

METDEPENNINGEN, Marc. “Ambassadeur ACP apres Matongue”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900207-W3P2TX?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DAMBASADEUR%2520ACP%2520APRES%2520MATONGUE>>. Acesso em: 19/11/2018.

ROBERT, François. “Ixelle veut calmer les esprits trop échauffés par Matonge”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900127-W3P4GN?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DIXELLES%2520VEUT%25200CALMER%2520LES%2520ESPRITS%2520TROP%2520%25C3%25A9CHAUFF%25C3%25A9S%2520PAR%2520MATONGE>>. Acesso em: 16/05/2018.

TRIMPONT, Serge. “Charles Musonda et les Anderlechtois se mefient de Lehnhoff comme de la peste”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900127-W3P4KX?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DCHARLES%2520MUSONDA%2520ET%2520LES%2520ANDERLECHTOIS%2520SE%2520MEFIENT%2520DE%2520LEHNHOFF%2520COMME%2520DE%2520LA%2520PESTE>>. Acesso em: 16/05/2018.

VAN DAMME, Guido. “Escroquerie aux assignations postales”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19930206->

W3FD0J?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DEscroquerie%2520aux%2520assignments%2520postales#_ga=2.154823672.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

VAN VAERENBERGH, Oliver. “Serieuse altercation a Matonge a coups de noix de coco contre la Police”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19941112-W39QRZ?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DSerieuse%2520altercation%2520a%2520Matonge%2520a%2520coups%2520de%2520noix%2520de%2520coco%2520contre%2520la%2520police#_ga=2.142739445.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

VANTROYEN, Jean-Claude. “Yves de Jonghe, nettoyeur en chef d’Ixelles”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19940125-W3CNXM?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3D%2520Jean-Claude.Yves%2520de%2520Jonghe%2520C%2520nettoyeur%2520en%2520chef%2520d%25C2%25B4Ixelles#_ga=2.184231910.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

VUILLE, Nicolas. “Une trentaine de personnes arretees operation anti-crack a Bruxelles”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19931130-W3D36J?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DUne%2520trentaine%2520de%2520personnes%2520arretees%2520operation%2520anti-crack%2520a%2520Bruxelles#_ga=2.78778324.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

WILMOTTE, Thierry. “Des dizaines de victims a Bruxelles un postier traquait les cartes de credit dans le courrier”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19911205-W3JK6A?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D490%26word%3DTHIERRY%2BWILMOTTE#_ga=2.74531026.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

WILMOTTE, Thierry. “L’interpellation mouvementée”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890329-W3QNK8?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527interpellation%2520mouvement%25C3%25A9e>>. Acesso em: 16/05/2018.

WOUTERS, Jean. “Autopsie de la rue Longue-vie”. *Le Soir*, Bruxelas. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19940125->

W3CNY6?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D10%26word%3DAutopsie%2Bde%2Bla%2Brue%2BLongue-vie#_ga=2.180372455.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.